

PLACAR

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • N.º 537 • 15/AGOSTO/1980 • Cr\$ 60

10 ANOS

EDITORA ABRIL

ACRE, ALAGOAS, AMAPA, AMAZONAS, BAHIA, CEARA, MARANHAO, MATO GROSSO, PARA, PARAIBA, PERNAMBUCO, PIAUI, RIO GRANDE DO NORTE, RONDONIA, RORAIMA, SERGIPE, Cr\$ 80-0563



**FICOU NA FRENTE
O TRICOLOR
PASSA POR CIMA**



**PITA:
O DONO DA
FESTA**

GRÁTIS **SUPERPOSTERS**
TABELA DO PAULISTÃO
SANTOS CAMPEÃO

**BUIÃO: O ÚLTIMO
INGÊNUO DO FUTEBOL**

**CORINTHIANS
O TIME MAIS ODIADO
DE SÃO PAULO**



CAMPEONATO PAULISTA

Foi uma semana empolgante como há muito não acontecia no futebol paulista



FLAVIO CANALONGA

Zé Sérgio, Serginho e Renato. O São Paulo montou um desses times dignos de serem vistos de joelhos.

SÃO PAULO PEGOU FOGO!

Começou com a estréia do grande Oscar, na terça-feira. Continuou com a linda festa santista ganhando o primeiro turno, na quinta. E, no domingo, teve a goleada do novo tricolor para cima do Timão, a guerra do Santos em Jaú e mais crise no Verdão. ▶

BOM DEMAIS PARA AMERICANO VER

Os são-paulinos estão rindo sozinhos. Depois do grande ataque, só faltava mesmo uma zaga quase perfeita. E ela já está aí, com Oscar e Darío Pereyra.

Seria realmente uma pena se a eficiência quase impecável do zagueiro Oscar ficasse confinada aos gramados sintéticos dos Estados Unidos, mercado perfeito para estrelas de pernas meio fatigadas — não para um craque de 25 anos com vaga certa na Seleção Brasileira.

Mas que entrada feia, Toninho!

Mas ele está aqui de novo. Mal vestiu sua camisa 3, com a tarja de capitão, o

São Paulo goleou duas vezes por 4 a 0, primeiro o Palmeiras, terça-feira passada, depois o Corinthians, domingo último.

Ao lado do uruguaio Darío Pereyra, agora seu companheiro de zaga, arrumou a outrora vulnerável defesa do São Paulo e mostrou que, para passar por ele, é preciso muita bola. Na falta dela, o corintiano Toninho acertou-lhe os cravos da chuteira. Oscar saiu de campo ovacionado e levou nove pontos na perna. Na semana que vem ele volta.

Por CARLOS MARANHÃO



MANOEL MOTTA

Na estréia, como líder e capitão.

Santos Nem deram tempo para os meninos curtirem a conquista do turno

DEPOIS DA FESTA, GUERRA



QUIOSHI GOTO

É gol do XV de Jaú. A defesa santista reclama com sucesso. Deu briga.

4 PLACAR

A festa foi no Morumbi, comemorando a conquista do turno. A guerra, logo de cara, foi no empate por dois gols em Jaú.

O juiz apitou o fim do jogo e Marola começou a saltar de alegria. Saltou tanto como nunca saltou para fazer suas competentes defesas no gol. Era o começo da grande festa do Santos pela conquista do primeiro turno, depois do jogo empolgante com a Portuguesa. Tão empolgante a que já foi uma festa. Mas depois haveria muito mais, com volta olímpica, com entrega de Taça, e com tudo o mais que um lídimo campeão tem direito. Inclusive a consagração de Pita como um craque de verdade (leia a re-

Depois do massacre, o São Paulo de Oscar, Darío Pereyra, Renato, Serginho e Zé Sérgio já desponta como o favorito do retorno paulista. Mais que nunca, porém, é preciso que sua torcida vá vê-lo jogar.

O BAILE



Dois a zero. E a festa de Renato e Serginho.

6 PLACAR



FLÁVIO CANALONGA

Para a boa vontade de Geraldão, a garra e a classe de Oscar

DO MORUMBI



Com ele, ninguém entra na defesa.

RONALDO KOTSCHO

Abriste a janela e, diante do céu chuvoso de domingo, resolveste passar em casa o Dia dos Pais? Sorte de teu pai ou de teus filhos. Mas, aqui entre nós, que são-paulino azarado és tu. O conformismo e a preguiça custam caro.

Está certo, pensaste que o Campeonato não anda lá essas coisas e que um clássico a mais ou a menos não faria grande diferença. Talvez imaginaste que a atual fraqueza corintiana não permitiria a disputa de um jogo emocionante. E, quem sabe, tenhas concluído que, apesar de tua ausência, Serginho e Renato fariam os gols suficientes para garantir a vitória.

Quanto a isso, a razão permaneceu a teu lado. Os craques de seleção — Oscar, Darío Pereyra, Renato, Serginho, Zé Sérgio, etc. —, porém, vibrariam muito mais se pelo menos uma parte dessa imensa legião de comodistas, da qual fazes parte, fosse lotar o Morumbi, provando definitivamente que a torcida tricolor é bem maior que supõem os maledicentes da avenida Francisco Matarazzo e da rua São Jorge.

Como o velho Santos e o saudoso Botafogo

Ligaste então o rádio e, a partir daí, deves ter começado a sentir exatamente aquilo que alguns definem como contradição: a alegria de ouvir tantos gols e a angústia de não poder vê-los ao vivo.

Mas será que Osmar Santos, José Silvério, Fiori Gigliotti e Haroldo Fernandes não exageraram quando disseram que o gol de Serginho fora maravilhoso e o de Renato quase indescritível de tão belo? Será que a exibição, a nível individual, merecia realmente tamanhos elogios? Será que o São Paulo jogou mesmo daquele jeito que eles falavam?

Aí, infelizmente, acabam tuas razões e se iniciam teus arrependimentos. Tudo o que eles falaram era verdade. Queres saber de outra coisa dolorosa? Jogar

bem, como nos 4 a 0 de domingo, o teu São Paulo ainda voltará a jogar — que craques, agora, não lhe faltam. Só que, nessa goleada, ele deu aos que foram ao Morumbi, sem medo de uma chavinha sem consequência, algo ultimamente bastante raro num campo de futebol: um autêntico, verdadeiro baile.

É isso: baile. Lembras, no passado, que o velho Santos, o saudoso Botafogo, o remoto Cruzeiro e o longínquo Palmeiras davam eventualmente seus bailes? Pois o teu São Paulo também deu — e o de domingo tu perdeste.

Renato marcou seu gol mais belo

Que tristeza. Não pudeste acompanhar a corrida louca de Renato pela direita, levando a bola e Djalma junto com ele, até entrar na área, virar o corpo e chutar com o pé esquerdo para marcar o maior gol que fez até hoje vestindo essa camisa que amas à distância.

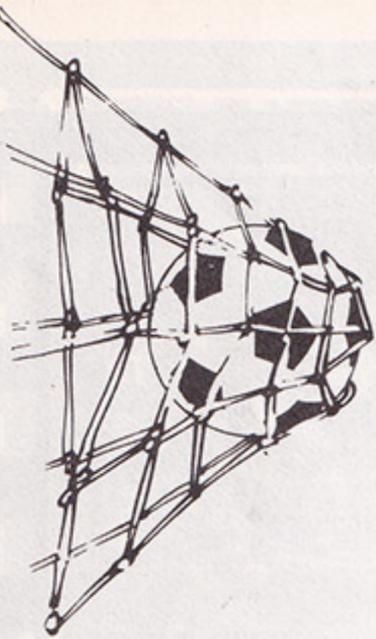
Que lástima. Não presenciaste a alegria no corpo de Serginho, depois que, numa cabeçada fulminante e numa outra corrida louca, ele deixou mais dois gols atravessados na garganta dos fiéis corintianos.

Que pena. Não compartilhaste da imensa euforia do jovem Paulo César, que apareceu na cara de Jairão para fazer, merecidamente, seu primeiro gol pelo São Paulo.

E que desolação. Não viste a dor de cada corintiano com seu time sendo obrigado a dançar ao ritmo ora frenético, ora suave, ora ritmado, mas invariavelmente irresistível, imposto pelo — vale chamá-lo assim — Super-São Paulo.

Não há de ser nada. Para o próximo domingo, com qualquer tempo, te damos uma sugestão: vai a Ribeirão Preto. Se o Comercial bobear, o baile se repetirá.

Por CARLOS MARANHÃO 



OS GOLS DA RODADA

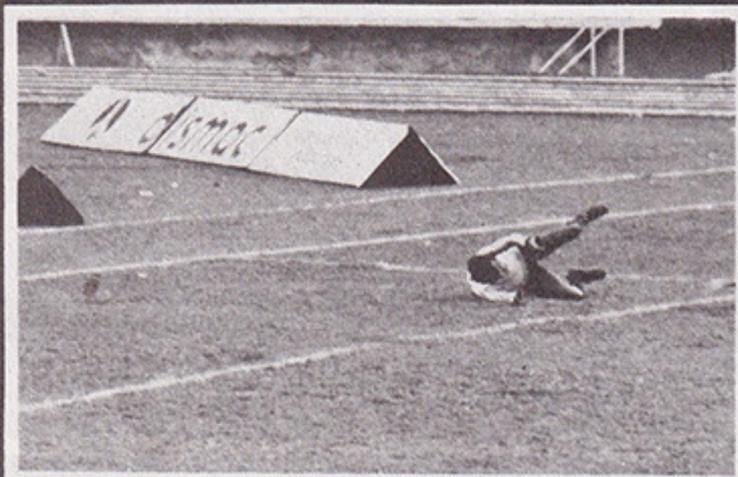


São Paulo 4 x 0 Corinthians — Heriberto centrou da direita. Jairo ficou só olhando e Serginho fez 1 a 0. Fotos Flávio Canalonga.



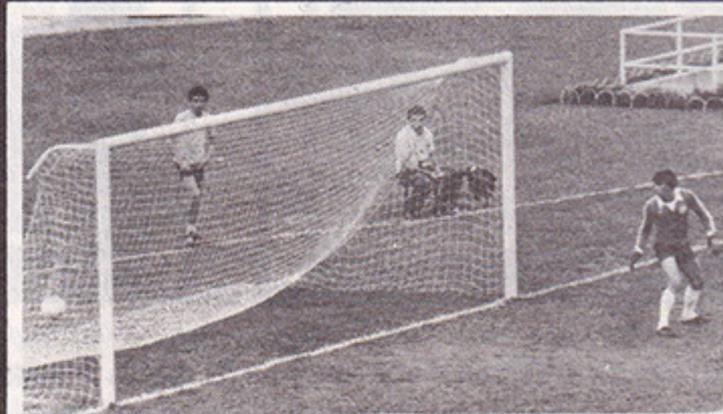
São Paulo 4 x 0 Corinthians — Renato disparou pela direita, levou toda a defesa e fez 2 a 0. Um golaço. Fotos Flávio Canalonga.

OS GOLS DA RODADA



São Paulo 4 x 0 Corinthians — Agora é a vez de Serginho disparar pelo meio, deixar a defesa tonta e fazer 3 a 0. Fotos Flávio Canalonga.

São Paulo 4 x 0 Corinthians — Final da goleada. Getúlio e Paulo César tabelaram e o ponta marcou. Fotos Flávio Canalonga.



Palmeiras 0 x Francana 1
Parraga, bem colocado, recebeu de Delém e encheu o pé. Beto Fuscão não chegou a tempo, Gilmar só ficou olhando. Fotos Flávio Canalonga.



Ganhar é bom, mas ganhar

Descobrimos: nenhum time desperta tanto ódio entre os jogadores adversários quanto o Corinthians. Para derrotá-lo, há até quem entre machucado em campo.

Corinthians, que se orgulha de ser o clube mais amado de São Paulo, pode preparar o peito para outra faixa: ele é, também, o mais odiado. A maioria dos jogadores dos grandes clubes paulistas não tem a mínima vergonha de declarar que o maior prazer que eles sentem é ver a Fiel silenciada, curtindo sua dor por um gol ou uma derrota.

Chega a parecer sadismo. Toninho Vieira, do Santos, revela que até está fazendo a cabeça dos juvenis do seu clube, "para continuar a tradição de ódio ao Corinthians". O são-paulino Ser-

SÉRGIO SADE

RONALDO KOTSCHO



SERGINHO: "É bom dominar aquela massa enorme".

"NÓS TE ODIAMOS CORINTHIANS"

ginho garante que não há sensação melhor do que comemorar um gol na frente da massa alvinegra. Pedrinho, do Palmeiras, confessa: é capaz de jogar machucado contra o Timão. Que é alvo, também, de uma imensa bronca de Caio, da Portuguesa, inconformado com o fato de a torcida ter invadido o campo no dia em que ele ia conseguir a primeira vitória contra o seu inimigo predileto.

"Não é verdade que eu odeio a Lusa"

Bozó, do Guarani, desmente que odeie a Portuguesa: "Eu odeio mesmo é

o Corinthians". E Odirlei, da Ponte Preta, faz uma expressão de raiva quando afirma: "Se todos os meus companheiros entrassem contra o Corinthians com o mesmo espírito de luta meu, a gente só goleava".

Ah, se ódio matasse... Mas como, ao contrário, faz o objeto do ódio crescer, aí estão o Corinthians e a Fiel grandes e saudáveis. É possível até cometer-se uma tese: nos tempos das vacas magras, a torcida corintiana crescia na obsessão de ser campeã — os adversários eram quase neutros, às vezes até admiravam aquela fidelidade; hoje, a Fiel

cresce (ou pelo menos se fortalece) porque a rivalidade pura foi restabelecida — os adversários não suportam o Corinthians campeão.

Seja como for, os jogadores personalizam muito bem esse ódio. Que, no caso do Santos, até parece culto à tradição.

— Quando eu era juvenil — conta Toninho Vieira —, o seu Olavo, o nosso técnico, nos implorava antes dos jogos contra o Corinthians: "Vocês podem até perder o campeonato, mas, pelo amor de Deus, ganhem deles". Depois, chegava em



PEDRINHO: "Se o jogo é contra eles, não admito ficar fora".



BOZÓ: "Eles não me quiseram lá".

"NÓS TE ODIAMOS CORINTHIANS"

mim e sussurrava: "Vai lá, garoto, arre-bente com eles".

Tal predisposição anticorintiana, na Vila Belmiro, vinha desde os tempos de Pelé, que não escondia seu especial prazer de ferir a Fiel com seus gols. Hoje, Toninho procura transmitir aos mais jovens a chama que recebeu dos veteranos.

— Amigo, quando esses garotos subirem e pegarem aquele time pela frente vão morder até a trave para ganharem — garante ele, que poderia acrescentar um dado sugestivo: ao contrário dos tempos de juvenis, quando as goleadas eram constantes, nunca venceu o Corinthians como profissional.

É o mesmo caso de Caio — que, igualmente, jamais ganhou do Santos, mas não se importa com isso. Qual é a diferença, Caio? O que tem o Corinthians de tão detestável?

— É aquela torcida, sabe? Ela não sabe se comportar em campo. Por qualquer coisinha quer brigar. Onde é que se viu derrubar a tela e invadir o campo?

Bem, a torcida da Portuguesa andou, até há pouco tempo, com a fama de mais violenta da cidade. Na verdade, o que parece mexer em alguma cordinha interna dos cracões adversários, despertando-lhes ódio, é a imensidão da torcida corintiana, acompanhada da alegre consciência de ser a maior. Calá-la é um prazer até compreensível.

— Fazer um gol no Corinthians e correr para a frente da torcida deles é a melhor coisa do mundo — concorda

Mas há outro lado: perder para o Timão dói mais...

Serginho. — Eu contra toda aquela gente. É bom. Sinto que domino eles, mesmo sabendo que estou sendo odiado.

Serginho acrescenta um papo estranho: diz que a torcida do Corinthians é maravilhosa em sua grandiosidade, e que melhor do que gozar sua dor talvez seja comemorar junto com ela. O que é isso? Serginho esconde um corintiano dentro de si? Mais provável que seja uma outra faceta de seu sadismo.

O Timão agüenta essa frente ampla?

E o que dizer de jogadores que entram em campo machucados só porque o adversário se chama Corinthians? Pedrinho é um deles, e diz que só o alvinegro é capaz de curar uma lesão — como curou uma sua, ano passado.

— Eu não suportava a dor, mas não quis ficar de fora. E não me arrependi, porque a vontade de ganhar era tanta, que dentro do campo até esqueci a lesão.

O motivo é o mesmo da maioria:

— Gosto de enfrentar a massa. Em vez de inibir, como acontece a outros jogadores, a vaia da torcida do Corinthians me incentiva, me sacode. Gosto de sentir a vaia deles... Lembra esse último jogo, quando marquei o gol da vitória?

Mas há outras razões para o ódio, e algumas até surpreendentes. Veja-se o caso de Bozó. Ele era corintiano desde que se conhecia por gente, mas a partir

de uma certa época passou a detestar o time que era de seu coração. Sem precisar deitar no divã, ele esclarece:

— Eu era garoto ainda e o que mais queria era jogar no Corinthians. Aí, um dia, marcaram uma data para eu fazer um teste. Fui, todo contente, e quando cheguei lá tinham mudado o dia do teste. Nunca mais voltei, e até hoje sinto aquela desfeita. Todo mundo, desde que eu sentei na bola num jogo contra a Portuguesa, ficou pensando que eu sinto desprezo pelos lusos. Que engano! Eu não suporto mesmo é o Corinthians!

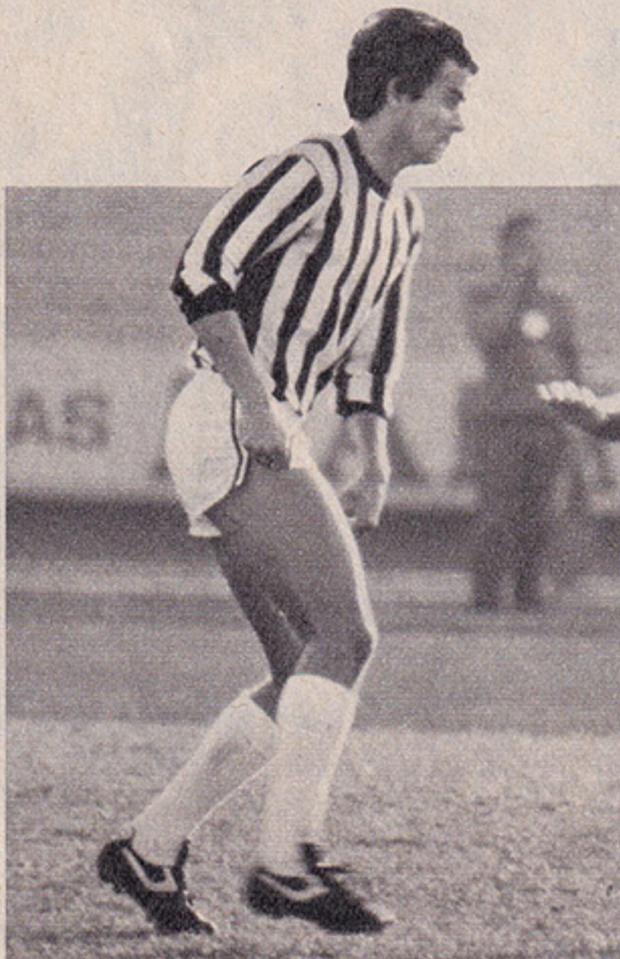
Odirlei não sabe ao certo o que o provoca mais, se a torcida, o nome ou as cores preta e branca — "talvez seja tudo junto", ele arrisca. Mas sabe ao certo quando começou:

— Foi na final de 77. Eles fizeram força fora de campo para chegar ao título. Se tivessem ganhado numa boa, como ganharam na final de 79, eu não me importava. Olha, nem se houver outra final, com vitória da gente, eu vou deixar minha bronca. 77 me marcou demais.

Odiado Corinthians. Além do amor de sua torcida, só lhe resta um consolo: quando perde, todos os adversários fazem festa; mas, quando ganha, o efeito é arrasador. Como confessa Toninho Vieira:

— Passam dias até eu me recuperar de uma derrota para o Corinthians.

Por FÁBIO SORMANI/
MAURÍCIO CARDOSO



RONALDO KOTSCHO

TONINHO VIEIRA: "Os meninos do Santos sabem quem é o inimigo".



FLÁVIO CANALONGA

CAIO: "Nunca venci o Santos. Mas o Corinthians é diferente".



MANOEL MOTTA

ODIRLEI: "Nem ganhando um título vou me acalmar".

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAHA
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ